

Visita de Sarney à Argentina

18 JUL 1987 *Viagem* JORNAL DO BRASIL
termina em comício eleitoral

Rosental Calmon Alves
e Marcio Braga

VIEDMA, Argentina — A visita do presidente José Sarney à Argentina acabou virando comício eleitoral. Pouco depois da assinatura dos novos documentos que ampliam o programa de integração econômica entre os dois países, o presidente Raúl Alfonsín levou Sarney para a sacada do palácio do governo provincial de Río Negro, onde ambos discursaram para centenas de militantes do partido governista, a União Cívica Radical (UCR), em plena campanha para as eleições parciais de seis de setembro próximo.

Alfonsín e Sarney foram muito aplaudidos e saudados também com o ritmo som de mais de 10 bumbos — instrumentos sempre presentes nos comícios eleitorais da Argentina. O *portunhol* esteve presente no comício binacional de ontem não só no improviso de Sarney, mas também em meio aos cartazes dos candidatos a governador de Río Negro e a deputados por essa província. Ali, se destacava uma gigantesca faixa procla-

mando que "Alfonsín é o presidente mais grande do mundo" (os argentinos que falam *portunhol* nunca dizem maior).

Sarney disse aos correligionários de Alfonsín que se sentia orgulhoso de ter sido o primeiro "chefe de estado presidente" (o papa veio como chefe de estado, em abril) a visitar Viedma desde o anúncio de que esta cidade de 35 mil habitantes será a nova capital da Argentina. Ele deu um precioso apoio político ao polêmico projeto de transferência da capital, que Alfonsín já conseguiu aprovar no Congresso, mas sem a fixação de prazos.

— Ao mirar estes campos e estas pessoas, deixo uma mensagem: aqui, a nova capital será a capital da conquista do futuro da grande Argentina — disse Sarney, em arrastado espanhol, como se estivesse procurando cunhar um *slogan* para a campanha de Alfonsín pela nova capital. Não faltaram também elogios rasgados a Alfonsín, recebidos com aclamações delirantes dos alfonsinistas e repetidos várias vezes mais tarde pelas principais emissoras de televisão do país.

Poupados — Embora estivesse

previsto um passeio dos dois presidentes pelo local da construção da futura capital, eles foram poupados de visitar o descampado de monótona paisagem patagônica, localizado sete quilômetros a leste de Viedma, onde está prevista a construção do centro administrativo da nova cidade. O anúncio da capital foi feito há mais de um ano e a aprovação pelo Congresso já tem mais de um mês, porém não houve desapropriações de terrenos e nenhuma obra começou. Não há nenhum sinal visível de que uma nova capital surgirá aqui e Alfonsín recentemente desistiu da idéia de que o governo pudesse ser transferido para cá dentro de dois anos, quando terminar seu mandato.

O povo da região tem o maior orgulho dessa vitória contra os invasores brasileiros, que é comemorada anualmente a 7 de março — um feriado aqui, respeitado como se fosse outro dia da independência nacional.

Após um almoço no hotel Austral, à beira do rio Negro, o presidente Alfonsín conduziu Sarney até o aeroporto. A comitiva brasileira embarcou no Boeing presidencial para um voo direto a Brasília.

Alfonsín conhecerá usina brasileira

VIEDMA — O presidente José Sarney anunciou que pretende levar o seu colega Raúl Alfonsín em sua próxima visita ao Brasil para conhecer uma unidade de pesquisa nuclear, em retribuição ao gesto do presidente da Argentina que o recebeu, na quinta-feira, na secreta usina de enriquecimento de urânio de Pilcaniyeu, a 60 quilômetros de Bariloche. Sarney só não explicou se levará também Alfonsín a uma das instalações de pesquisa nuclear cujas atividades são mantidas em sigilo.

O anúncio foi feito durante a entrevista coletiva dos dois presidentes, na sede do governo da província de Río Negro, na primeira visita de um governante estrangeiro a esta cidade, que será a futura capital da Argentina. "O gesto do presidente Alfonsín demonstra o nível das relações que existem entre o Brasil e a Argentina nesse campo e que nossos países estão voltados para a utilização da energia nuclear para fins pacíficos, mas sem abdicar da tecnologia de ponta, por meio de nossos cientistas", afirmou Sarney.

Funcionários diplomáticos dos dois

governos afirmaram que a proposta argentina de inspeção mútua feita pela primeira vez em novembro de 1985 (permitir que os argentinos verifiquem as instalações nucleares brasileiras e vice-versa) não está mais na pauta de negociações porque existe um clima de confiança mútua.

— Se naquela época alguém dissesse que o presidente Sarney um dia seria levado a Pilcaniyeu poderia facilmente ser chamado de louco — afirmou o vice-chanceler Jorge Sábato.

Depois da entrevista coletiva dos dois presidentes, o ministro da Fazenda do Brasil, Luiz Carlos Bresser Pereira, comentou com os jornalistas que lhe parecia uma loucura a pergunta sobre "inspeções mútuas" de instalações nucleares. Disse brincando aos repórteres como é que se podia imaginar, por exemplo, os Estados Unidos abrindo suas instalações atômicas à inspeção da União Soviética. O ministro ficou sem graça, porém, ao saber que essa proposta fora feita formalmente pela chancelaria da Argentina justamente para que aqui na América do Sul não houvesse um clima de corrida arma-

mentista como o que existe entre as duas superpotências.

O presidente Sarney lembrou que o gesto de ter sido convidado para conhecer a usina de enriquecimento de urânio foi "único no mundo".

— É a primeira vez que um chefe de Estado é convidado por outro para conhecer uma usina dessa natureza que por suas características tem que ser uma unidade secreta.

Os dois presidentes falaram também da questão da dívida externa da América Latina, frisando que esses débitos não podem continuar sendo pagos através da exportação de capital nem continuar sendo "financiadores das dificuldades econômicas dos grandes países". Tanto Sarney quanto Alfonsín insistem em dizer que cada país tem sua própria maneira de enfrentar a questão, descartando mais uma vez ações conjuntas.

Outro ponto comum entre os dois presidentes na entrevista foi quanto ao sistema de governo. No Brasil, o presidente Sarney tem defendido a tese de um presidencialismo mas com parlamento forte com mais poderes de fiscalização. (R.C.A. e M.B.)

Peixe estragado é tirado do cardápio

VIEDMA — O esquema de segurança do presidente Raúl Alfonsín conseguiu evitar, por pouco, que ele, o seu convidado, presidente José Sarney, e outros membros da comitiva brasileira sofressem de intoxicação por causa de um peixe estragado que tinha sido incluído no cardápio do almoço durante a visita oficial de ontem a esta cidade.

O incidente ocorreu depois de uma verdadeira onda de boatos avançar pelo país, falando de ameaças de um atentado contra os presidentes do Brasil e da Argentina. A segurança chegou a ser reforçada em Viedma, ontem, mas no final da tarde a polícia federal argentina informou que identificou a origem das

ameaças: foram telefonemas de um louco, conhecido dos policiais por ter sido protagonista de outros casos, atribuídos a um quadro psiquiátrico de ansiedade e mania de perseguição.

O doente, que a polícia disse chamar-se Juan Jorgen Emde, tinha telefonado para vários parlamentares, advertindo sobre o atentado e uma de suas ligações foi monitorada e levou a sua identificação. O caso do peixe estragado, entretanto, foi real.

O principal assessor e porta-voz de Alfonsín, José Ignacio Lopez, disse que o salmão "em mau estado" foi descoberto durante o exame bromatológico de rotina ao qual são submetidos previamente os

alimentos que o presidente vai ingerir durante suas viagens. (R.C.A. e M.B.)

□ **Numerosos documentos foram assinados ontem ao final da visita. Na pilha de papéis assinados, figuram: um balanço geral do programa de integração; a ampliação da lista de produtos que entram em regimes especiais de comércio (com tarifas zero ou reduzidas); uma declaração sobre cooperação nuclear; a criação da moeda comum — o gaúcho — numa emissão inicial de 200 milhões de dólares para estimular o comércio; a criação de documentos que facilitam o transporte rodoviário.**